Características do professor eficiente*

Arrigo Leonardo Angelini**
Geraldo José de Paiva**

1. Introdução; 2. Método;
3. Resultados; 4. Discussão.

No presente estudo, 224 alunos da oitava série do 1º grau, de ambos os sexos e de nível sócio-econômico médio superior e médio inferior, da cidade de São Paulo, e 42 de seus professores responderam a um questionário de 105 pares de afirmações sobre atributos desejáveis no professor eficiente. As classificações ordinais produzidas pelos diferentes subgrupos foram intercorrelacionadas e os resultados revelaram que os coeficientes de correlação de Spearman entre os subgrupos de alunos foram consistentemente mais elevados do que no caso das comparações entre professores e alunos, independentemente das variáveis nível sócio-econômico e sexo. Os dados provenientes dos alunos foram submetidos à análise de variância cujos resultados demonstraram que as variáveis nível sócio-econômico, sexo e a interação entre ambas são relevantes para algumas das características estudadas.

1. Introdução

As características do professor eficiente continuam objeto freqüente de pesquisa nas áreas da educação e da psicologia escolar, em diversos países. A recorrência do tema se deve provavelmente ao papel da escola na sociedade e vice-versa, e à soma de investimentos financeiros, administrativos e de pessoal dirigidos para a formação de professores.

Como acontece com muitos termos intuitivos, a expressão "professor eficiente" é suficientemente ambígua para permitir não apenas conceituações ora mais ora menos restritas como também procedimentos diversos de investigação. Assim, "professor eficiente" inclui, sem dúvida, os sentidos de capacitação na docência e de facilidade no relacionamento interpessoal, o que supõe aptidões intelectuais e habilidades sociais adequadamente desenvolvidas.

Como a complicar, ainda mais, a conceituação do que seja "professor eficiente", teríamos dois amplos quadro de referência, um mais "objetivo", outro mais "subjetivo", dentro dos quais proceder a uma pesquisa sobre o professor. O quadro mais objetivo incluiria variáveis de inteligência, motivação e personalidade, e variáveis de aprendizagem sobretudo social que tornariam, até, predizível a destinação de um candidato a professor. O quadro mais subjetivo seria, na verdade, a percepção que as pessoas têm do que seja um professor eficiente: como ocorre alhures, essa percepção, construída mediante diversos processos de integração de cognições (lembrem-se, dentre outros, os da estereotipia, de atribuição de causalidade, de harmonização entre cognições e afetos), levantaria talvez mais informações sobre o que diversos grupos, muito diferentes, de pessoas esperam do professor (incluam-se os alunos dos vários graus, os próprios professores, os pais, a administração escolar, o Governo, e outros), do que sobre as condições objetivas da eficiência do professor.

* Este trabalho constitui versão atualizada, reorganizada e ampliada de comunicação ao XIV Congresso Interamericano de Psicologia, São Paulo, 1973. (Ver Angelini, 1975, p. 787.) Para a realização da pesquisa e na primeira versão apresentada ao referido congresso, colaboraram, por igual, R. R. Andrade, M. J. Beraldi, A. M. Bodely, A. Celli, R. Miranda, O. Molina e C. Rapaport. Os autores agradecem a B. Mattiazzi pela suplementação bibliográfica gentilmente cedida. Artigo apresentado à Redação em 28.8.81.
** Do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. (Endereço: Caixa Postal 11.454 – 05508 – São Paulo, SP.)

A mostra da multiplicidade de pontos de vista obtidos em pesquisas sobre o professor é-nos fornecida pelos trabalhos que a seguir vêm citados.

Mitzel (1960), resumindo mais de 50 anos de pesquisas, informa não ter encontrado critérios objetivos fidedignos de eficiência do professor, e propõe critérios definidos operacionalmente por medidas relevantes, confiáveis e não-enviesadas, relativas ao produto do ensino e ao processo de aprendizagem, mostrando-se cético quanto a critérios de predição.

Ebel (1966), sumariando pesquisa relevante sobre como preparar bons professores, afirma que testes e medidas têm-se mostrado úteis quando voltados para a excelência intelectual do futuro professor; reconhece, porém, que o mesmo não tem ocorrido quando se quer prever a importante dimensão do relacionamento interpessoal, a partir de testes de personalidade.

De outro lado, Yamamoto e Dizney (1966) verificaram quão fundamental é o processo da percepção na avaliação do professor eficiente: mais que outras foram as relações pessoais as características percebidas do bom professor universitário.

Beck (1967), igualmente, verificou que alunos do primeiro grau apreciam o professor antes por suas qualidades humanas que por seus dotes didáticos.

McKeachie e outros (1971) concordam em que a percepção dos alunos é um indício útil da eficiência do professor, porém, acautelam de que muitas variáveis estão implícitas no termo "aluno" e que as avaliações dos estudantes sobre seus professores só têm relevância se forem relacionadas com as variáveis envolvidas nesse termo.

Mueller e outros (1971) encontraram elevada correlação entre avaliações de universitários pertencentes a mais de uma cultura. Ao menos em culturas vizinhas a avaliação por parte de universitários pode apresentar um alto coeficiente de correlação quanto a características mais e menos importantes de um professor "ideal".

McKeachie (1974), numa retrospectiva abrangente, conclui:

"Embora as avaliações feitas por estudantes nos possam dizer algo sobre como os instrutores diferem uns dos outros e possam também indicar quais professores são mais eficientes para certos objetivos, até o presente não nos revelaram nenhuma característica instrucional que pareça universalmente relacionada com a eficiência do professor. Assim, encontramos aqui (. . .) uma indicação de que os dados não fornecem uma relação simples, univariável e linear. Interações entre características do professor, características do aluno e seus resultados tampouco 'estão explodindo', mas alguns brotos começam a sugerir possíveis frutos" (p. 169).

No Brasil, a maior parte das pesquisas sobre a eficiência do professor tem-se endereçado para o levantamento da percepção, por parte dos estudantes, das qualidades do professor. Backheuser (1945) investigou universitários, Brandão (1963) alunos do então curso primário e ginásio, Angelini e Witter (1965) e Angelini (1966) alunos de diversos níveis de escolaridade. Mais recentemente Ribeiro e outros (1978), interessados em critérios mais objetivos, propuseram uma Escala de Avaliação de Desempenho para Instrutores e Professores, com itens que se referem a qualidades didáticas, características de personalidade e habilidades sociais.

Com a mesma preocupação de objetividade Feldens e outros (1980) estudaram em alunos das primeiras séries do 2º grau o constructo "clareza", componente da eficácia do professor, e identificaram alguns fatores que são operacionalizáveis.

A presente pesquisa, restrita à faixa dos concluintes do 1º grau, pretendeu investigar se existem diferenças de avaliação do professor eficiente em função do sexo, do nível sócio-econômico e

do *status* de professor e aluno. Essas variáveis designariam subculturas, que freqüentemente determinam diferenças de percepção e de atitudes sociais. O trabalho apresenta, pois, dois aspectos que merecem um comentário. Primeiramente, decidiu-se partir em busca da percepção subjetiva de características do professor eficiente, abandonando-se, então, a preocupação com a determinação de variáveis objetivas. A decisão não implica, porém, inquirir-se tão-só as chamadas características sociais: ao contrário, partiu-se da suposição de que variáveis individuais como cultura geral, conhecimento do assunto e aparência física são, da mesma forma que as características interpessoais, objeto da percepção. Em segundo lugar, presidiu a essa investigação um certo interesse intercultural: sabe-se que numa mesma sociedade desenvolvem-se formas várias de convivência social, peculiares a subgrupos homogêneos, da grande sociedade; essas formas podem diferenciar quiçá as próprias funções e estruturas exigidas pelas condições da vida social. Assim, idade, sexo, nível sócio-econômico e outras homogeneidades podem ser abordados segundo uma perspectiva intercultural (Paiva, 1978).

2. Método

2.1 *Sujeitos*

Os sujeitos foram 224 alunos da oitava série do 1º grau de dois estabelecimentos de ensino da cidade de São Paulo, representativos da classe média superior e da classe média inferior. Um dos estabelecimentos situa-se em zona residencial de alto poder aquisitivo e é particular; o outro localiza-se na periferia da cidade e faz parte da rede estadual de ensino.

Os 224 alunos constituíram uma amostra ao acaso, estratificada quanto às variáveis sexo e nível sócio-econômico.

Além dos 224 alunos, foram sujeitos da pesquisa 42 professores, de ambos os sexos, que lecionavam distintas disciplinas nos dois estabelecimentos, aos alunos da amostra.

2.2 *Instrumento*

O instrumento foi um questionário fechado, constituído por 105 pares de afirmações sobre características desejáveis do professor, nos quais os sujeitos deveriam assinalar a afirmativa considerada mais importante. As afirmativas foram em número de 15 e foram combinadas duas a duas com as demais, aleatoriamente.

Precedidas pela expressão "Professor eficiente é aquele que", foram as seguintes as afirmativas:

1. é comunicativo, expansivo e amigos dos alunos;
2. é imparcial no trato e na avaliação dos alunos;
3. promove o rendimento escolar dos alunos;
4. compreende as dificuldades dos alunos;
5. tem facilidade de se adaptar a novas situações;
6. conhece bem a matéria que ensina;
7. desperta o interesse dos alunos pelo assunto;
8. emprega os métodos atuais de ensino;
9. possui equilíbrio emocional;

10. gosta de ensinar;
11. possui cultura geral;
12. aproveita todas as oportunidades para educar;
13. é organizado e cumpre o que promete;
14. é inteligente;
15. cuida de sua aparência.

Esse elenco de características foi confeccionado por um grupo de pós-graduandos em psicologia, da Universidade de São Paulo, todos professores, a partir de seleção, feita conjuntamente, de itens de listas de predicados desejáveis do professor eficiente, que cada um elaborara individualmente.

O questionário foi apresentado em forma de caderno, com seis folhas mimeografadas, tamanho ofício. A página de rosto foi reservada para instruções, que solicitavam aos sujeitos que declarassem idade e sexo, e fornecia exemplos de como responder à forma do questionário, com a recomendação de não se deixar de assinalar a afirmativa preferida em cada um dos pares.

2.3 *Procedimento*

O questionário foi distribuído e ministrado em sala de aula, no período de uma aula de 50 minutos, pelos próprios pesquisadores, que podiam esclarecer as dúvidas que porventura surgissem

2.4 *Tratamento*

Como se verá adiante, os dados de todos os subgrupos foram submetidos ao cálculo de coeficiente de correlação de Spearman e os dados dos subgrupos de alunos, isto é, excluídos os dos professores, foram submetidos também à análise de variância.

3. Resultados

Partindo-se das escolhas feitas em relação a cada par de afirmativas foi possível estabelecer-se, mediante a contagem do número de vezes que cada afirmativa era escolhida pelo sujeito, um posto na ordem de 1º a 15º

Quanto maior o número de escolhas de determinada afirmativa que, como vimos, aparecia no questionário combinada com todas as demais, mais baixo o posto correspondente e, conseqüentemente, mais importante para o sujeito. Calculados os resultados médios dos postos, em função dos subgrupos de sujeitos, verificou-se que a ordem dos postos diferiu de subgrupo para subgrupo.

As classificações médias produzidas pelos distintos subgrupos de sujeitos aparecem na tabela 1. Os coeficientes de correlação de Spearman entre os vários subgrupos, tomados dois a dois, figuram na tabela 2.

Tabela 1

Classificação ordinal de características do professor eficiente pelos cinco subgrupos de sujeitos

Características	Subgrupos de alunos				Subgrupo de professores
	Nível sócio-econômico				
	Masculino		Feminimo		
	Méd. sup.	Méd. inf.	Méd. sup.	Méd. inf.	
Comunicativo	1	2	1	3	9
Desperta interesse	2	1	2	1	1
Compreende os alunos	3	3	3	2	3
Promove o rendimento	4	4	6	10	4
Organizado	5	7	8,5	5	12
Conhece a matéria	6	6	7	4	10
Imparcial	7	12	10	12	11
Emprega métodos atuais	8	8	8,5	7	7
Oportunidade para educar	9	5	4	6	2
Gosta de ensinar	10	10	12	9	8
Cultura geral	11	13	13	13	14
Facilidade de adaptação	12	9	5	8	6
Equilíbrio emocional	13	11	11	11	5
Inteligente	14	14	14	14	13
Aparência pessoal	15	15	15	15	15

Para maior facilidade de comparação entre os subgrupos as características são apresentadas em seqüência da 1ª à 15ª segundo a ordenação produzida pelo subgrupo masculino de nível sócio-econômico médio superior, isto é, o primeiro subgrupo à esquerda da tabela 1.

Numa primeira consideração, percebe-se facilmente que os quatro subgrupos de alunos foram muito mais semelhantes entre si do que o subgrupo dos professores. De fato, como se verá na tabela 2, o coeficiente de correlação entre quaisquer subgrupos de alunos foi muito elevado, ao passo que o mesmo coeficiente entre os subgrupos de alunos e o subgrupo dos professores foi modesto. Na realidade, apenas as características de interesse e compreensão, num extremo, de metodologia, intermediariamente, e de inteligência e aparência física, no outro exame, foram compartilhados de modo praticamente idêntico por todos os subgrupos de sujeitos.

Já entre os subgrupos de alunos verificou-se uma coincidência muito nítida na importância atribuída às características com oscilações nas de promoção de rendimento, imparcialidade, fornecimento de oportunidades e adaptação.

Tabela 2

Coeficientes de correlação de Spearman entre os subgrupos tomados dois a dois, em ordem decrescente de magnitude

Ordem	Subgrupos	rho
1º	MI x FS	0,94
2º	FI x MI	0,92
3º	MS x MI	0,89
4º	FS x FI	0,88
5º	FI x MS	0,82
6º	MS x FS	0,80
7º	MI x Prof.	0,74
8º	FS x Prof.	0,73
9º	FI x Prof.	0,62
10º	MS x Prof.	0,43

Obs.: Todos os coeficientes são significantes: $p < 0,01$..

MS = sexo masculino, NSE médio superior;
MI = sexo masculino, NSE médio inferior;
FS = sexo feminino, NSE médio superior;
FI = sexo feminino, NSE médio inferior;
Prof. = professores.

Além disso, o coeficiente de correlação demonstrou que professores e alunos, como grupos, ordenam até certo ponto de modo diferente as características do professor eficiente.

Revelou-se, porém, mais elevada a correlação entre o grupo de professores e os subgrupos masculinos da classe média inferior (0,74) e feminino da classe média superior (0,73). Já entre os subgrupos de alunos, os coeficientes de correlação variaram de 0,80 a 0,94.

A análise da variância a que foram submetidos os escores dos diversos subgrupos de alunos revelou que a maior parte das diferenças não foi significante ao nível de 0,05 no que diz respeito a nível sócio-econômico (NSE), a sexo e à intervenção entre ambos. Entretanto algumas diferenças foram significantes como se pode notar na tabela 3.

Tabela 3

Matriz da análise de variância

Grupos / Características	Nível sócio-econômico		SEXO		Interação
	Médio superior	Médio inferior	Masc.	Fem.	
Comunicativo	$F = 4{,}18$*				
Imparcial	$F = 12{,}4$*				
Rendimento			$F = 12{,}6$*		
Adaptação				$F = 8{,}94$**	FS > FI MI > MS F=O 7,95*
Interesse		$F = 5{,}62$*			
Equilíbrio				$F = 4{,}24$*	

*= $p \leqslant 0{,}05$.
**= $p \leqslant 0{,}01$.

O NSE foi influente na escolha das características: comunicativo ($F = 4{,}18$), imparcial ($F = 12{,}4$) e desperta o interesse ($F = 5{,}62$). Os sujeitos de NSE médio superior preferiram as características de comunicação e imparcialidade, ao passo que os de NSE médio inferior preferiram a característica do despertar o interesse.

A variável sexo exerceu influência na escolha de três características: promove o rendimento ($F = 12{,}6$), adaptação ($F = 8{,}94$) e equilíbrio emocional ($F = 4{,}24$), preferindo os rapazes a característica da promoção de rendimento e as meninas as de adaptação e de equilíbrio emocional. Finalmente, a interação entre os dois fatores revelou-se significante na característica adaptação ($F = 7{,}95$), na qual as meninas de classe média superior optaram por essa característica, mais que as meninas de classe média inferior, ocorrendo o contrário com os rapazes.

4. Discussão

Como se depreende, a pesquisa constitui-se, de certa forma, em estudo exploratório do tema. Embora seja abundante a literatura relacionada com as características reais e/ou percebidas, do professor eficiente, a investigação procurou reunir, com interesse pela problemática intercultural, sexo, nível sócio-econômico e a condição de aluno ou de professor, numa amostra da realidade escolar da cidade de São Paulo. Com esse âmbito, a pesquisa não podia deixar de ser exploratória. Ainda outra, e importante, razão do caráter exploratório pode ser encontrada no instrumento utilizando em si: ao invés de ser construído a partir de um levantamento da pecu-

liaridade de cada grupo ou subgrupo, elevada, depois, a um nível de abstração que pudesse ser por todos os sujeitos compartilhada, o instrumento foi um "ético" pesadamente imposto, refletindo criterioso, porém, unilateral enfoque dos pesquisadores que o compuseram (para toda a questão ver Paiva, 1978). Se persistir a preocupação com a discussão intercultural dos subgrupos de uma mesma cultura, novos cuidados deverão ser dirigidos tanto para a confecção de instrumento, como para a caracterização das subculturas.

Dentro desse comentário de ordem geral é possível analisar os resultados particulares, conforme aparecem na organização em que foram apresentados. Assim, a inspeção da tabela 1 permite perceber que tanto os professores como os alunos concordam em valorizar menos, na realidade o mínimo, as características de aparência, inteligência e cultura geral, e em valorizar mais as características de interesse e de compreensão das dificuldades dos alunos. Obviamente, a própria natureza da tarefa conduzia apenas a uma ordenação de preferência e, por essa razão, uma característica pouco valorizada só o foi por comparação com as demais características fornecidas e não porque, fosse outro o rol de alternativas, não pudesse receber uma avaliação diferente. Se mais facilmente compreendida a pouca valorização da aparência física, encontrada igualmente em estudos anteriores, causa perplexidade o modesto apreço de alunos e professores pela inteligência e pela cultura geral. É verdade que "inteligência" não coincide com o domínio da matéria lecionada, e que essa foi uma característica medianamente valorizada pelos alunos, embora ocupe o 10º posto na classificação dos professores. "Inteligência" pareçe ter sido avaliada enquanto disposição intelectual geral do professor, que se destaca pelo brilho particular, e nesse sentido não foi condição exigida do docente. "Cultura geral", de seu lado, pode ter sido um conceito ambíguo, uma vez que para uns identifica-se com uma formação livresca e superficial, para outros com uma informação atualizada do que ocorre no mundo contemporâneo, e ainda para outros com um conhecimento largamente relacionado com o passado da humanidade. É verdade, ainda assim, que em nenhum dos sentidos positivos cultura geral parece ter sido sentida como um requisito importante ao professor. Comparada com as outras características apresentadas, verifica-se que a "cultura geral" está mais distanciada que a quase totalidade das demais da tarefa cotidiana do ensino, e talvez por essa razão tenha obtido um posto modesto. No que diz respeito a "aparência física" subsistiria ainda a questão de a partir de que ponto passaria a ser significativa no conceito do professor ou do professor eficiente. Na cultura japonesa tradicional espera-se um como isomorfismo entre o exterior e o interior e, daí, valoriza-se a aparência física das pessoas (Paiva, 1979).

De outro lado, em culturas ocidentais parece provável que, aquém de certa qualidade na aparência física, e na apresentação, a pessoa se torna estigmatizada e provoca rejeição ou esquiva social (Goffman, 1978). Essa extensão do tema não foi objeto da investigação, mas colocar-se-ia legitimamente a nível de comparação intercultural. As características de interesse e de compreensão, altamente apreciadas por professores e alunos, indicam concordância entre todos quanto à prioridade a ser concedida às relações sociais sob forma de motivação social e de paciência pedagógica. Ao menos na faixa etária dos alunos consultados espera-se do professor um empenho quase paterno, mais voltado para a pessoa do aluno do que para o próprio aluno e ensino. Os professores, de seu lado, percebem sua tarefa da mesma forma.

A facilidade de comunicação, ainda na linha da consideração anterior, e o conhecimento da matéria são bastante valorizados pelos alunos mas não pelos professores, ao contrário de "equilíbrio emocional", bastante prestigiado pelos professores mas não pelos alunos. Parece provável que os professores enfatizem pouco o conhecimento da matéria por ser esse um predicado geralmente presente ou suposto no professor. Os alunos, ao contrário, costumam fazer comparação entre

os professores e discriminam quem, a seu juízo, domina um assunto. De outro lado, é forçoso reconhecer-se que a expressão "equilíbrio emocional" pouco significa para estudantes apenas entrados na adolescência. No entanto o professor, além de possível maior experiência emocional, costuma espalhar valores predominantes, ao menos em nível verbal, no meio social: não parece haver dúvida de que o equilíbrio emocional é bastante prezado pela cultura convencional, chegando a constituir-se em item de avaliação para a seleção e o desempenho de cargos e funções.

A tabela 1 mostra também como houve uma distribuição nítida das características propostas: as que vêm a ser discutidas agrupam-se, de modo geral, nos primeiros ou nos últimos postos, obtendo substancial concordância de alunos e professores. As demais características situam-se medianamante na classificação, mas observa-se alguma variação no posto obtido. O que parece relevante nessa variação será discutido pouco adiante. De momento apenas duas discrepâncias exigem ainda algum comentário: os professores, ao contrário dos alunos, destacaram em 2º lugar o aproveitamento de oportunidades de educar e obtiveram a 9ª posição na característica da comunicatividade, que os alunos julgaram da maior prioridade. O que parece evidenciar-se dessa ordenação dos professores é o acento na tarefa, ao contrário dos alunos, que exigem mais atenção pessoal. Se se lembrar que também os professores, valorizando interesse e compreensão, dão prioridade às relacões interpessoais, fica nítido que os professores encaram seu papel de modo mais maduro, pois nele incluem relações sociais e cumprimento de tarefa, ao passo que os alunos nessa faixa etária estão à espera, antes de tudo, de um bom relacionamento interpessoal.

A tabela 2 indica, antes de tudo, uma correlação positiva elevada entre os subgrupos comparados. De modo geral, então, se pode dizer que, quanto às características fornecidas do professor eficiente, houve elevada concordância de ordenação por parte dos vários subgrupos estudados. Esse resultado, que intuitivamente já era perceptível por inspeção da tabela 1, demonstra que nível sócio-econômico e sexo não foram suficientes para estabelecer duas subculturas de contornos nítidos. Mais importante que essas variáveis, foi a do *status* professor/aluno, que se refletiu em coeficientes de correlação mais baixos. Naturalmente mais que o grau absoluto dos coeficientes, quase sempre bastante alto, importa observar a direção dos mesmos, que decresce quando um dos correlatos é o grupo dos professores.

Esse resultado era de se esperar, uma vez que o papel, a maior experiência e a idade dos professores os distinguem da condição dos alunos.

A tabela 3 demonstra a grande coerência interna dos subgrupos de alunos. Embora haja algumas escolhas significantemente diferentes em razão do nível sócio-econômico, do sexo e da interação entre essas variáveis, são pouco numerosas se comparadas com a totalidade das escolhas.

Os resultados parecem sugerir que os alunos estudados mantêm expectativas em máxima parte comuns relativamente ao professor eficiente, sem que nível sócio-econômico ou sexo constituam nesse aspecto subculturas distintas. Restaria por se esclarecer se a partir de certo grau de instrução a escola pública e a escola particular começariam a denominar dois tipos de subculturas e, daí, de expectativas distintas do professor eficiente em cada uma delas.

A característica de "comunicativo" foi valorizada mais pelos alunos de nível sócio-econômico médio superior do que pelos demais alunos. De certa forma esse resultado matiza a afirmação anterior de que os alunos em geral esperam do professor eficiente um relacionamento interpessoal intenso. Os dados indicam que, embora todos o esperem, os de nível sócio-econômico médio superior o esperam mais. Essa maior expectativa poderia sugerir maior carência de contato pessoal por parte dos estudantes em melhor condição sócio-econômica, como também maior

pressão da expressão dessa necessidade pelos alunos de nível sócio-econômico médio inferior frente aos professores, situados geralmente na classe média. São indicações que poderiam ser pesquisadas em outra oportunidade..

A imparcialidade, igualmente, foi muito mais esperada do professor eficiente pelos alunos de NSE médio superior que pelos de NSE médio inferior. O aprofundamento dessa diferença poderia levar à pesquisa do modo predominante de atribuição de causalidade (Heider, 1970) encontrado entre as camadas da população. Estudos realizados, sob a rubrica "locus causal" (por exemplo, Rotter, 1966), mostraram que a falta de recursos econômicos associa-se à dependência em relação a fatores causais externos à pessoa, ao passo que o sentimento de influir na realidade está ligado à percepção de si mesmo como origem dos efeitos observados. Nessa linha de discussão poder-se-ia examinar se por parte dos desprovidos os acontecimentos não são vistos como fatalidades, como decorrência do arbítrio das pessoas poderosas contra as quais é inútil se opor. Dessa forma, a percepção mais viva da imparcialidade estaria conexa com a percepção de que os efeitos, bons ou maus, decorrem do próprio agente, que deve ser argüido da responsabilidade de suas ações. Essa percepção seria mais provável em pessoas que se encontram em condição de dominar os acontecimentos, isto é, em pessoas de recursos sociais e econômicos.

Ainda no mesmo fator sócio-econômico, observa-se maior expectativa por parte dos alunos de nível médio inferior quanto ao esforço do professor em despertar o interesse pelo aluno. Em continuidade com a consideração anterior poder-se-ia perceber nessa maior exigência a dependência frente a um outro agente que não a própria pessoa, no que tange à atividade escolar. Dito de outra forma, parece que o estudante não se sente capaz de discriminar no objeto de estudo características de estímulo atraentes, delegando a um agente externo a tarefa de encaminhar essa discriminação.

A tabela 3 demonstra, ainda, a quase inexistência de diferença de avaliação no que depende da variável sexo: dessa forma, as subculturas masculina e feminina pareceram encarar do mesmo modo as qualidades do professor. Apenas a promoção do rendimento, a facilidade de adaptação e o equilíbrio emocional apresentaram diferenças em função da variável sexo.

Os rapazes, mais que as meninas, atribuíram importância à promoção do rendimento, o que se coadunaria com a conotação masculina do êxito social.

De seu lado, as meninas, mais que os rapazes, julgaram relevante a flexibilidade do professor em adaptar-se a novas situações, o que sublinharia a conotação feminina ligada à passividade frente às imposições do meio. Note-se que esse resultado foi o único a ter um nível de significância mais elevado.

Justamente porque é muito difundido em nossa cultura o estereótipo da mulher instável, por se deixar orientar mais pelo sentimento do que pela razão, pode-se entender a valorização emprestada pelas alunas à característica de equilíbrio emocional. Certamente faz parte do ideal inculcado à mulher, em nossa cultura, a aquisição do autodomínio.

O único registro de interação entre as variáveis sexo e nível sócio-econômico ocorreu no item "facilidade de adaptação". As alunas da escola particular deram maior importância a essa característica que as alunas da escola oficial, ocorrendo o contrário com os rapazes. Na linha da discussão anterior, seríamos tentados a argumentar que a menina de classe média superior se sentiria mais dócil às pressões ambientais do que a menina de classe média inferior, cujas circunstâncias de vida a tornariam mais ativa e independente. Raciocínio em sentido contrário seria desenvolvido com relação aos rapazes, embora de maneira atenuada, uma vez que a característica

"facilidade de adaptação" não foi significantemente apontada pelos sujeitos do sexo masculino. Dir-se-ia, então, que os alunos de NSE médio inferior se sentiriam menos senhores das circunstâncias que os rapazes de NSE médio superior. Teríamos em ambos os casos o influxo do processo de atribuição de causalidade, conjugado, porém, com outras variáveis que seria necessário identificar. O resultado da interação sugeriria, pois, preliminarmente uma réplica do estudo e, a seguir, uma investigação mais específica.

Resta, no entanto, uma indagação perturbadora: de onde provém a fundamental semelhança entre os alunos, de modo que, apesar dessas diferenças encontradas em geral, nem situação sócio-econômica nem sexo introduzam apreciações ou expectativas diferentes quanto a seus professores? Não terão sido o instrumento e a direção da pesquisa adequadamente sensíveis para enfrentar questão desse tipo? Ou não estarão ainda a essa altura da vida suficientemente constituídos os grupos sociais? Ou será a escola tão eficiente que ao término do 1º grau terá socializado todos os alunos segundo um padrão dominante? Ou, finalmente, virão nossos estudantes de 1º grau de famílias que compartilham, até inconscientemente, dos mesmos valores? São essas alternativas que somente novos estudos poderiam explorar.

Summary

In this study, 224 eighth-grade students, of both sexes, from upper middle and upper lower socio-economic levels from the city of São Paulo, together with a group of 42 of their teachers answered to an inventory composed of 105 pairs of statements about desirable attributes of the efficient teacher.

Spearman coefficients of correlation were calculated among all the subgroups data. These coefficients were consistently higher when student-student subgroups correlations were compared than was the case with teacher-students subgroups comparisons.

Data from students were submitted to an analysis of variance. Some of the characteristics studied were significantly related to socio-economic level, to sex and to their interaction.

Referências bibliográficas

Angelini, A. L. How Brazilian students conceive the "good teacher". In: *Abstracts of the XVIII International Congress of Psychology, Problems of Mental Development and Social Psychology*. Moscou, 1966. p. 346.

——— ed. *Anais do XIX Congresso Interamericano de Psicologia*. São Paulo, Fapesp, 1975.

——. & Witter, G. P. Avaliação das características do "bom professor" por alunos de diversos níveis de escolaridade. *Ciência e Cultura. 17*:169, 1965 (resumo).

Backheuser, E. Inquérito sobre qualidades do professor. *Rev. Brasil. Est. Pedag.,4* : 182-209, 1945.

Beck, W. R. Pupil's perceptions of teacher merit: a factor analysis of five postulated dimensions. *J. Educ. Res., 61:* 127-78, 1967.

Brandão, G. *Sociologia da educação*. São Paulo, Editora do Brasil, 1963.

Ebel, R. L. Measurement applications in teacher education: a review of relevant research. *J. Teacher Educ., 17:* 15-25, 1966.

Feldens, M.G.F. Corteletti, I. A. Magdalena, B. C. Uma investigação empírica sobre a natureza da clareza do professor. *Ciência e Cultura, 32*: 228-35, 1980.

Goffman, E. *Estigma.* 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978..

Heider, F. *Psicologia das relações interpessoais.* São Paulo, Pioneira, 1970.

McKeachie, W. J. Instructional psychology. *An. Rev. Psychol. 24:* 161-93, 1974.

McKeachie, W. J.; Lin, Y.G. & Mann, W. Student ratings of teacher effectiveness: validity studies. *Amer. Educ. Research J., 8:* 435-45, 1971.

Mitzel, H. E. Teacher effectiveness. *Encyclopaedia of Educ. Research,* p. 1481-85, 1960.

Mueller, R. H., Roach, P. J. Malone, J. A. College student's views of the characteristics of an "ideal" professor. *Psychology in the Schools, 8:* 161-7, 1971.

Paiva, G. J. *Introdução à psicologia intercultural.* São Paulo, Pioneira, 1978.

———. Aspectos da Teoria do Equilíbrio, de Heider, em duas subculturas étnicas: uma pesquisa preliminar. Tese do doutoramento. São Paulo, Ipusp, 1979.

Ribeiro, G.H.C. et alli. Escala de avaliação de desempenho para instrutores e professores. *Arq. Bras. Psic. Apl., 30:* (4): 73-81, 1978.

Rotter, J.B. Generalized expectancies for internal vs. external control of reinforcement. *Psychol. Monographs,* 609 (80), 1977.

Yamamoto, K. & Dizney, H. F. Eight professor. A study on college students' preferences among their teachers. *J. Educ. Psychol., 57:* 146-50, 1966.